

## DOIS OLHARES SOBRE A FRONTEIRA BRASIL - URUGUAI

Tiago Pedruzzi<sup>73</sup>

Chris Royes Schardosim<sup>74</sup>

**RESUMO:** Jorge Luis Borges, em entrevistas e também em conversas com amigos próximos, descreve a viagem à fronteira entre o Brasil e o Uruguai, realizada na companhia de Enrique Amorim, como “uma viagem em direção a um passado primitivo”. Essas experiências na rude fronteira foram depois utilizadas em seus contos, nos quais as referências a um gaúcho rio-grandense, uruguaio ou algum contrabandista estão presentes mais de uma vez. Outro autor que dedicou algumas linhas - não em sua produção ficcional, mas na forma de um ensaio psicológico/sociológico à fronteira Brasil-Uruguai e sua essência primitiva - foi Florencio Sánchez. Nesse ensaio, descreve a ausência das instituições e como isso reverbera no autoritarismo caudilhesco e também num estado de barbárie descrito através das práticas de justiça consideradas atrasadas. Deste modo, o presente trabalho se propõe a analisar a produção dos literatos sobre esta região que, mesmo inserida no que Ángel Rama chamou de *Comarca Pampeana*, apresenta características singulares dignas de figurar nas produções de ambos os escritores. Para isso, perscrutaremos os textos ficcionais e documentais, buscando aproximá-los da clássica análise sustentada por Sarmiento quando aborda civilização e barbárie.

**Palavras-chave:** Fronteira - Jorge Luis Borges - Florencio Sánchez - comarca pampeana - literatura hispano-americana

**RESUMEN:** Jorge Luis Borges en entrevistas y también en charlas con amigos cercanos, describe el viaje a la frontera entre Brasil y Uruguay, realizada en compañía de Enrique Amorim, como “un viaje hacia un pasado primitivo”. Esas experiencias en la ruda frontera posteriormente utilizadas en sus cuentos, en los cuales las referencias a un gaucho riograndense, uruguayo o algún contrabandista están presentes más de una vez. Otro autor que dedicó algunas líneas - no en su producción ficcional,

---

<sup>73</sup> Doutorando em Teoria da Literatura pela Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS). Professor do Instituto Federal Catarinense- Campus Ibirama.

<sup>74</sup> Doutora em Linguística. Professora EBTT no Instituto Federal Catarinense.

sino en forma de un ensayo psicológico/sociológico a la frontera Brasil-Uruguay y su esencia primitiva - fue Florencio Sánchez. En ese ensayo describe la ausencia de las instituciones y como eso reverbera en el autoritarismo caudillesco y también en un estado de barbarie descrito a través de las prácticas de justicia consideradas atrasadas. De este modo, el presente trabajo se propone a analizar la producción de los literatos sobre esta región que, mismo inserta en lo que Ángel Rama denomina de *Comarca Pampeana*, presenta características singulares dignas de figurar en las producciones de ambos los escritores. Para eso, investigaremos los textos ficcionales y documentales, buscando acercarlos del clásico análisis sostenido por Sarmiento cuando aborda civilización y barbarie.

**Palavras-chave:** Frontera - Jorge Luis Borges - Florencio Sánchez - comarca pampeana - literatura hispano-americana.

Ao falarmos de literatura não podemos esquecer que a construção textual da ficção, ainda que muito realista e que remonte a um determinado espaço geográfico reconhecível, tal qual a obra de Magritte demonstrava já nos começos do século XX quando questionava a questão da representação na pintura, não é o espaço propriamente dito, mas sim sua representação. A própria ideia de representação em literatura é um problema; porém, o que não podemos discutir é que qualquer obra tenha um referencial no mundo real, que a linguagem, ainda que seja criadora de mundos, referencia aquilo que conhecemos, ou pelo menos aquilo que o autor conhece, mesmo quando há a criação de uma obra do gênero fantástico ou maravilhoso, que muitas vezes é a negação do conhecido pelo autor ou pelo leitor. Paul Ricoeur explica claramente esta referencialidade da linguagem ao mundo e à experiência humana que acaba por ser transposta nela:

A linguagem não é um mundo próprio. Nem sequer é um mundo. Mas porque estamos no mundo, porque somos afectados por situações e porque nos orientamos mediante a compreensão em tais situações, temos algo a dizer, temos a experiência para trazer à linguagem (RICŒUR, 2009, p. 36).

Por algum tempo, a ideia de que tudo é discurso sem a necessidade de uma ligação com o “real”, deslocando o texto de uma aproximação com seu contexto de produção ou até mesmo com o contexto das vivências do autor, arrastou a discussão acerca da literatura a um imanentismo

infrutífero que ignorou marcas e sinais extratextuais importantes que ajudariam numa análise mais completa do texto literário. Uma das consequências desse imanentismo foi a dita morte do autor proposta pela escola francesa que teve Barthes como porta-voz deste discurso e também Foucault propagando ideias como as tais:

Diz-se, com efeito (e estamos ainda em presença de uma tese muito familiar), que a função da crítica não é detectar as relações da obra com o autor, nem reconstituir através dos textos um pensamento ou uma experiência: ela deve, sim, analisar a obra na sua estrutura, na sua forma intrínseca e no jogo das suas relações internas (FOUCAULT, 2009, p. 37).

Sabemos que esta postura foi uma resposta ao biografismo que buscava explicar tudo na ficção pela vida do autor ou às escolas críticas que ignoravam a questão estética e preocupavam-se mais em explicar todas as questões sociais pela obra de arte. No entanto, acreditamos que devemos dosar no fazer crítico uma mirada que seja capaz de relacionar a obra com seu contexto de criação e com seu criador, pois como afirma Ricoeur:

[...] o discurso não pode deixar de ser acerca de alguma coisa. Ao fazer esta afirmação nego a analogia dos textos absolutos [...] De uma ou de outra maneira, os textos poéticos falam acerca do mundo, mas não de um modo descritivo (RICŒUR, 2009, p. 56).

Estas considerações são feitas pensando em textos que têm um espaço geográfico reconhecível e declarado na ficção ou em quaisquer outras formas de textos. Por isso, julgamos que alguns textos quando pensados em relação ao contexto de criação ou sua referencialidade histórica são importantes, pois uma leitura que considere estes fatores é, com certeza, ampliada e pode dizer coisas que apenas a imanência não diz. Tanto quanto nos referimos aos sentidos possíveis quanto a questões estéticas que são, muitas das vezes, escolhas oportunizadas pelo local de onde parte a escrita e as impressões que este local ou experiência deixam na sua alma e depois são transpostas à obra literária.

Neste trabalho, vamos analisar a presença de um espaço geográfico e também, porque não dizer, mítico que povoa a literatura produzida em parte do Brasil (o estado do Rio Grande do Sul), a Argentina e o Uruguai

e a sua presença em textos de dois escritores: um argentino, Jorge Luis Borges e outro uruguaio, Florencio Sánchez. Afinal, que espaço é este? A fronteira Brasil-Uruguaio, neste caso, marcada pela presença nas obras analisadas, mas que poderia ser ampliada à fronteira Brasil-Argentina, geograficamente território de transição entre dois mundos de uma mesma galáxia: o lusitano e o espanhol. A presença deste espaço na produção artística do continente latinoamericano foi definida por Ángel Rama como *Comarca Pampeana*, pensando numa análise da produção artística do continente que se sobrepusesse às questões nacionais, dado que as produções muitas vezes o fizeram, influenciadas por aspectos variados como podemos depreender do texto do ilustre crítico uruguaio:

Ello [la balcanización] ha dificultado la natural expansión y desarrollo de las comarcas semejantes donde los elementos étnicos, la naturaleza, las formas espontáneas, las tradiciones de la cultura popular, convergen en parecidas formas de creación literaria: así podría hablarse del Tihuantisuyo, por la presencia indígena y sus tradiciones culturales propias, por sus idénticos conflictos con la sociedad blanca; así podría hablarse de la comarca pampeana, asociando vastos territorios argentinos, el Uruguay y Río Grande do Sur, donde se ha generado el “gaucho” con sus características cosmovisión y literatura; así podría hablarse del Caribe, donde el mar, las islas, la mezcla racial, tan intensamente productiva de cultura, ya ha sido reconocido integrado en un solo ciclo cultural por obra de un novelista (Carpentier). Estas comarcas - no sólo naturales sino también culturales - son desfiguradas por la balcanización política, pero sin embargo deben reconocerse en ellas elementos de suyo tan poderosos como para que hayan sobrevivido, otorgándoles unidad característica, en este siglo y medio de vida independiente, dividida, de América Latina. (RAMA, 2002, p. 61)

Esta proposição resolve, de certa maneira, alguns problemas da historiografia literária, que durante muito tempo esteve atrelada à questão nacional e deu as costas às produções e suas semelhanças que ultrapassavam as fronteiras políticas, gerando assim um conjunto de práticas e formas artísticas unificado, ainda que a língua fosse diferente, principalmente no

espaço da *Comarca Pampeana*, em que além das diferenças marcadas pela questão política houve a formação de um tipo social que se manifestava em dois idiomas: o português e o castelhano.

A fronteira meridional do Brasil, da mesma forma como ocorreu na produção historiográfica da literatura, foi durante algum tempo concebida dentro de uma perspectiva nacionalista de oposição entre nós e os outros. Essa postura não se viu refletida apenas em uma certa tendência nacionalista (brasileira), mas também baseada na noção de origem lusitana do território sul-brasileiro, que ao se diferenciar da origem vizinha, maiormente espanhola, fundava um passado puramente português e, por fim, ao afirmar a sua origem portuguesa, afirmava também a nacionalidade brasileira. Contudo, essa *matriz lusitana* (ancorada, principalmente na imigração açoriana e nos efeitos dela decorrentes na constituição do sul do Brasil), teve oposição em uma *matriz platina*, que acabava por considerar o espaço fronteiriço meridional sob o influxo platino. Essas categorias são consideradas pela historiadora Ieda Gutfreind ao analisar a historiografia do Rio Grande do Sul acerca do tema. (cf. FLORES, 2014). Contudo, parece haver com o decorrer da passagem dos anos uma acomodação destas duas tendências e o Rio Grande do Sul passa a ser visto como fazendo parte do espaço platino, como nos demonstra Flores:

A partir dessa perspectiva, o Rio Grande do Sul passou a ser compreendido como parte do espaço platino, situado na região platina. Acertadamente, no entanto, essa historiografia não procurou privilegiar as interações platinas em detrimento das relações com o próprio Império brasileiro, mas buscou conciliá-las. Em termos gerais, a historiografia regional dessa década concordou que a paisagem semelhante de ambos os lados da fronteira contribuiu para o estabelecimento de estruturas produtivas e sociais análogas: a presença de áreas de boas pastagens naturais, o papel central da produção pecuária, a combinação de diferentes formas de trabalho (“livre”, escravo e familiar), a onipresença do contrabando, a existência de uma instabilidade institucional e de uma verdadeira endemia bélica nos séculos XVIII e XIX (FLORES, 2014, p. 72-73).

Como podemos observar, essa perspectiva historiográfica caminha ao encontro da proposta apresentada por Ángel Rama para pensar a cultura da área geográfica, demonstrando uma coerência no pensamento intelectual de ambos os lados da fronteira. Houve outras análises no campo da historiografia literária também, principalmente do lado brasileiro, que já pensava a perspectiva unificada de análise da produção cultural deste território. Podemos citar a *Historia Literária do Rio Grande do Sul* de João Pinto da Silva e os estudos variados de Silvio Júlio, tais como: *Estudos Gauchescos de Literatura e Folclore e Literatura, Folclore e Lingüística da Área Gauchesca do Brasil*, para ficarmos em dois autores e suas obras.

Florencio Sánchez e Jorge Luis Borges foram frequentadores, em épocas distintas, deste espaço geográfico cultural e singular. O primeiro a visitar a região foi o dramaturgo e jornalista Florencio Sánchez, que envolvido nas guerras civis uruguaias acabou por refugiar-se no lado brasileiro da fronteira, como narra Pablo Rocca: [...] participó en algunas acciones armadas de la insurgencia del caudillo blanco Aparicio Saravia en 1897; se alejó del ejército rebelde y deambuló por el norte de su país y por el sur del Brasil (ROCCA, p. web). Esta informação se confirma no próprio texto do autor que, ao narrar uma ação violenta do destacamento de João Francisco, objeto do texto aqui a ser analisado e intitulado *El caudillaje criminal en Sud America*, faz referência à cidade onde esteve hospedado quando percorreu o sul do Brasil, como vemos no trecho a seguir: “Cierta noche tomábamos el fresco sentados a la puerta de un hotel de Santa Ana. De repente vemos grupos de gente que huía en todas direcciones” (SÁNCHEZ, 1964 p. 509). Cabe aqui recordar que Santana do Livramento também foi a cidade de exílio de outro importantíssimo nome das letras rio-platenses: José Hernández. E que, segundo alguns biógrafos, foi nessa cidade brasileira que começou a ser escrita sua obra máxima, o poema *Martín Fierro*. Estas informações, mais do que simples curiosidades, são a comprovação de que mais do que a cultura popular, outras trocas se davam, a partir da política, nos círculos letrados da *Comarca Pampeana*.

O texto escrito por Florencio Sánchez foi publicado em 1902 como um ensaio de psicologia destinado aos *Archivos de Psiquiatria y Criminología* dirigidos por José Ingenieros, afamado médico italo-argentino fundador da Sociedade de Psicologia daquele país. Em breve introdução ao texto na obra *Teatro Completo*, Dardo Cúneo (o organizador) não descarta a possibilidade de que “la pluma del director -tan dada a esa tarea- recorrió el original de Sánchez promoviendo necesarias correcciones” (SÁNCHEZ, 1964, p. 506). Esta informação poderia ser relevante se encontrássemos uma análise clínica

sobre a figura ali retratada o Coronel João Francisco Pereira de Souza, popularmente conhecido pelo epíteto de a Hiena do Cati, porém ainda que a psicologia fosse uma ciência incipiente na data publicada, poucas são as passagens que nos fazem concordar com esta classificação. Como se defere na leitura, o texto se propõe a analisar a vida e os (mal)feitos do caudilho sul-rio-grandense, cuja fama alcançava outras partes do território nacional e, também, extravasava seus limites, alcançando as principais cidades da *Comarca Pampeana*, como Montevideu e Buenos Aires (para medir um pouco da sua fama, vale mencionar que o caudilho mereceu uma página com foto na revista *Caras y Caretas* de Buenos Aires quando de passagem pela capital portenha). Assim, ainda que o texto tenha recebido a classificação de ensaio de psicologia, ele transcende a esta tentativa de categorização e se aproxima muito mais de texto de Domingos Faustino Sarmiento - Facundo - que analisava a vida de Juan Facundo Quiroga, mas tinha como tese principal a ideia de que a América se constituía na dicotomia civilização x barbárie.

Entretanto, mais do que a semelhança estrutural dos textos (os dois textos não se enquadram nos gêneros tradicionais, são mais obras literárias, como via Unamuno ao Facundo, que obras científicas propriamente ditas), podemos dizer que na obra do dramaturgo rio-platense em relação à obra de Sarmiento, o que mais se destaca é uma espécie de filiação espiritual e ideológica com o autor argentino. Essa filiação encontra eco no texto de Sánchez quando na fronteira sul-rio-grandense, mais exatamente no trecho que ele destaca, desde Santana do Livramento até Uruguaiana, na qual reproduz a barbárie apresentada na campanha argentina por Sarmiento no seu Facundo de 1845 e na situação política gerada por Rosas e por Facundo Quiroga:

La parte sur de Río Grande, comprendida entre Santa Ana de Livramento y Uruguayana, ofrece un tristísimo aspecto de atraso e incultura. Está dejada, como quien dice, de la mano de Dios. Poco poblada, sin medios fáciles de comunicación, desenvolviéndose su vida económica por la explotación más primitiva de la ganadería, en manos de escasos propietarios, su comercio es generalmente a base del contrabando y el abigeo; sin escuelas, sin templos siquiera, sin instituciones de ninguna especie, salvo la de la autoridad a cargo del más fuerte y bárbaro, iba, sin embargo, evolucionando progresivamente hasta que sobrevino la revolución de 1893.

Tres años de guerra demolieron toda la obra de progreso dejando la simiente regresiva de la antropofagia política (SÁNCHEZ, 1964, p. 506-507)-

Outro ponto de contato se dá entre a visão de Sarmiento a respeito das vilas interioranas da Argentina quando comparadas às colônias de imigrantes situadas nas cercanias de Buenos Aires e a opinião acerca das colônias alemãs no Rio Grande do Sul, mencionadas em comparação à cidade de Santana do Livramento, emitida por Sánchez. Vejamos, primeiramente, a descrição feita sobre as diferenças encontradas entre os distintos núcleos habitacionais da Argentina por Sarmiento:

Da compasión y vergüenza en la República Argentina comparar la colonia alemana o escocesa del sur de Buenos Aires y la villa que se forma en el interior: en la primera, las casitas son pintadas; el frente de la casa, siempre aseado, adornado de flores y arbustillos graciosos; el amueblado, sencillo, pero completo; la vajilla, de cobre o estaño, reluciente siempre; la cama, con cortinillas graciosas, y los habitantes, en un movimiento y acción continuos. Ordeñando vacas, fabricando mantequilla y quesos, han logrado algunas familias hacer fortunas colosales y retirarse a la ciudad, a gozar de las comodidades. (SARMIENTO, 1983, p. 28)

Florencio Sánchez, que provavelmente nunca visitou alguma das colônias alemãs do Rio Grande do Sul, usa-as como oposição à condição de cidade de aspecto colonial (ibérica) de Santana do Livramento como vemos a seguir:

Santa Ana es el centro principal de operaciones de João Francisco. Es una ciudad de aspecto colonial, como todas las de la provincia, excepto aquellas en que ha gravitado la influencia de la inmigración alemana. Está situada frente a Rivera, población uruguaya, formando casi un solo pueblo; ambos se diferencian por la edificación moderna de este último y por costumbres fundamentalmente opuestas. (SÁNCHEZ, 1964, p. 507)



Um fato biográfico importante que diz muito sobre as suas opiniões é que os dois autores nunca haviam visitado as colônias citadas nos textos. Sarmiento, ao exilar-se no Chile, não conhecia ainda a capital Buenos Aires; portanto sua opinião provavelmente baseou-se no que havia lido ou escutado e não da experiência direta. Florencio Sanchez, sabidamente, visitou apenas a fronteira uruguaio-brasileira, fato que o impossibilitava de conhecer as colônias alemãs do Rio Grande do Sul, que se localizavam distante desta região.

O tom com que Florencio Sánchez descreve a Hiena do Cati acaba por atribuir um certo aspecto lendário, uma origem incerta e ao mesmo tempo fora-da-lei, embora hoje seja um militar, justificando, assim, a sua índole bárbara:

No tiene biografía, precisamente. Ninguna escuela, ninguna academia, ningún Saint-Cyr ha botado a las fronteras brasileñas este extraño militar. Un gauchito ladino, merodeador, oficial de preboste, justicia de partido, tropero de votos electorales, contrabandista, jefe de gavilla en sus mocedades; no se le conoce ni aun nacionalidad exacta, pues hay quien asegura que es uruguayo y da visos de certidumbre a esta afirmación el hecho de que sus padres han estado y están radicados en tierra oriental. Por lo demás, es común que los hijos de brasileños nacidos en el Uruguay, cerca de las fronteras, se consideren brasileños, si ya sus genitores no los han nacionalizado, cristianándolos en el Brasil (SÁNCHEZ, 1964, p. 514).

João Francisco não frequentou as academias militares, não é um militar de carreira. É um gaúcho. Mais que isso, é um “*gauchito merodeador*”, ou seja, sem paradeiro. Contra si, carrega a pecha de contrabandista e, se não bastasse, nem sua nacionalidade pode ser confirmada. Habita um território que está alheio à letra da lei, assim como os gaúchos argentinos e uruguaiois de antanho e exerce sua autoridade como os “señores feudales de la Edad Media argentina” como descreve o cronista:

Los diarios han esbozado algunas crónicas de la vida fronteriza, perfilando a través de relatos espantosos la silueta de un personaje, señor de vidas y haciendas en Río Grande, João Francisco, que a fuerza de aparecer malvado y

sanguinario va tomando en la imaginación popular los contornos de algunos de nuestros señores feudales de la Edad Media argentina. João Francisco, que en la realidad se excede a su reputación, es una simple resultante del ambiente en que actúa, encarna los sentimientos, las pasiones y las modalidades del medio. Trasplantado a Buenos Aires o a la última provincia argentina a lo sumo llegaría a ser un interesante ejemplar de delincuente; en la frontera riograndense es señor feudal (SÁNCHEZ, 1964, p. 506).

Por fim, para demonstrar a categoria de fóssil vivo de uma época bárbara e fruto também do espaço selvagem que habita, declara não haver espaço para o caudilho nem na última provincia argentina, uma sociedade que sobrepujou a barbárie e desmandos de outros líderes da mesma espécie do militar sul-riograndense, uma sociedade, por assim dizer, moderna. Causa curiosidade ao cronista que, embora haja inúmeros batalhões do governo central destacados em Livramento, Quaraí e Uruguaiana, “*las tres villas del feudo medioeval de João Francisco*” (SÁNCHEZ, 1964, p. 509), eles se mantêm neutros aos desmandos de João Francisco, que era militar da Brigada Militar (força militar provincial à época).

Outro simile da barbárie platina ainda viva na campanha sul-riograndense era a degola. Sánchez descreve a naturalidade com que essa prática era levada a cabo pelos habitantes da região, como vemos no trecho a seguir:

La costumbre los ha hecho familiarizarse tanto con el degüello, que él constituye la forma única del homicidio y hasta del suicidio. Si se pudiera hacer una estadística exacta de la mortalidad en aquellas regiones, tendríamos que el mayor porcentaje lo daría la muerte violenta y por degüello. Cierto que la "garrucha" (pistola) se emplea con frecuencia, pero no lo es menos que el sujeto que mata a otro de un balazo lo degüelle en seguida (SÁNCHEZ, 1964, p. 507).

Sarmiento em seu Facundo também descreve a prática da degola que substituiu o fuzilamento durante a ditadura de Rosas.

Como mi ánimo es sólo mostrar el nuevo orden de instituciones que suplantán a las que estamos copiando de la Europa, necesito acumular las principales, sin atender a las fechas. La ejecución que llamamos *fusilar* queda desde luego sustituida por la de *degollar*. Verdad es que se fusila una mañana cuarenta y cuatro indios, en una plaza de la ciudad, para dejar yertos a todos con estas matanzas, que aunque de salvajes, eran al fin hombres; pero, poco a poco, se abandona, y el cuchillo se hace el instrumento de la justicia (SARMIENTO, 1983, p. 209).

Assim, muitas das práticas bárbaras executadas no lado brasileiro da fronteira são ecos de épocas anteriores da campanha argentina, registradas e criticadas no Facundo como antagônicas às conquistas da civilização que vinham da Europa e pertenciam ao mundo citadino em oposição ao mundo rural. Florencio Sánchez na sua crônica sobre a fronteira brasileira e, especialmente, sobre a figura de João Francisco, assume a discussão dicotômica civilização x barbárie de maneira muito veemente, pintando mais que um caudilho, um assassino capaz das maiores atrocidades. Principalmente, se considerarmos a opinião de historiadores brasileiros, como a de Ivo Caggiani a seguir, que é mais ponderada em relação aos feitos de João Francisco, como podemos ver:

Os inimigos de João Francisco, que moviam contra ele uma campanha permanente, procuraram por todos os meios transformar o quartel do Cati num Centro onde se praticavam os crimes mais hediondos. As lendas sobre degolamentos e suplícios não só aterrorizavam aos menos avisados, como ganhavam foros de verdade no Brasil e até nas repúblicas platinas. Até hoje o “Cati” vive na imaginação popular como um local sinistro (CAGGIANI, 1997, p. 66).

Talvez, os fatos e cenários retratados por Sánchez contenham um certo exagero literário, como a opinião do historiador parece confirmar. Contudo, não podemos discordar de que as cenas retratadas são de natureza perturbadora, como a descrição a seguir de um episódio da Revolução Federalista de 1893 que pinta de maneira crua os métodos pouco ortodoxos de treinamento propostos pela Hiena do Cati:

João Francisco tuvo la tétrica voluptuosidad de mantener su gente acampada sobre el mismo campamento de Saldanha todo el tiempo que los miasmas lo permitieron. Lo hacía con el fin de familiarizar la tropa con el espectáculo de la muerte, y de tal manera logró su objeto que en esos días la milicada se entretuvo en desollar los cadáveres para trenzar con piel humana manecas y presillas del apero, ¡prendas muy estimables en aquellas regiones, que se exhiben como testimonios de valor y que algunos supersticiosos conservan como amuletos contra las balas! (SÁNCHEZ, 1964, p. 512)

Além desse episódio, tão bem adjetivado de tétrico, ainda há a descrição de como fizeram alguns milicos provarem carne assada de defuntos ou disparadas da cavallhada com cadáveres amarrados à soga. Esses episódios bárbaros parecem dar as tintas tão necessárias a uma posição assim tão simplista como civilização x barbárie, mas ao mesmo tempo tão apaixonante que é capaz de se manter viva até hoje como discussão sobre o ser argentino e, se olharmos de maneira mais ampla, sobre o ser latino-americano.

Contudo, podemos dizer que houve quem explorasse mais as nuances desta discussão. Sem dúvidas, o maior nome a aproveitar esta dicotomia foi Jorge Luis Borges. Quando falamos de Borges, porém, a questão é saber se devemos ou não tocar em temas como a realidade ou o contexto que o escritor portenho frequentou, pois de Borges sempre esperamos o irreal, o sonho, a mitologia; enfim, a literatura que salta das páginas dos livros e fala de outras pessoas e fatos feitos de papel antes de serem feitos de realidade pretérita. Daniel Balderston, em seu livro intitulado *¿Fuera de Contexto?*, ao pensar sobre a importância de investigar um Borges para além do irreal diz:

Por qué dedicar años al estudio de la presencia de lo real en Borges, cuando casi todos los críticos coinciden en que es un escritor “escapista”? En parte, desde luego, porque estoy convencido de que es un consenso profundamente equivocado, y que Borges – aún Borges – no puede sino escribir fuera de, y desde el, contexto. (Estoy tergiversando la frase deliberadamente). Su obra está íntimamente marcada por el conocimiento de la historia y la política argentinas del siglo XX, por la experiencia europea durante y poco después

de la Primera guerra mundial, por su vinculación con figuras tan apasionadas (y tan radicalmente diferentes entre sí) en sus posturas ideológicas como Leopoldo Lugones, Macedonio Fernández, Victoria Ocampo, María Rosa Oliver y José Bianco (BALDERSTON, 1996, p. 31).

E aqui podemos acrescentar que não só estas experiências históricas formam o cabedal a que Borges recorre à hora da sua escrita, mas também outras experiências como as vividas na fronteira Brasil-Uruguai. Essas práticas são oportunizadas pelo primo e também escritor Enrique Amorim e que acabam, por assim dizer, marcando fundo na sua alma de escritor – não só dos enigmas literários e filosóficos –, mas também das coisas do campo, da vida do gaúcho e de sua mitologia. Interpretar e entender a produção de Borges que tem na fronteira seu cenário ou suas personagens passa por entender/recuperar seu contexto de experiências transpostas e transformadas no texto, como propõe o mesmo Balderston:

La recuperación del contexto en, alrededor, y fuera de un texto, pues, es una etapa necesaria para la interpretación del texto, aun cuando hablar de ello es necesariamente transgresivo, “un retorno de lo reprimido” (BALDERSTON, 1996, p. 33).

Essa recuperação do contexto pode ser comparada à ideia de Ricoeur de referencialidade que a literatura presume. Sabemos que na maioria das vezes torna-se impreciso definir as referências de um texto literário. Entretanto, quando temos acesso a alguma informação que possa junto ao texto literário armar, ainda que de forma incompleta, o quebra-cabeça da opinião crítica, devemos fazer uso dela sem pruridos teóricos. Assim considerando que o fazer crítico é interpretativo e deve ir em busca de maiores sentidos e lançar mão das estratégias necessárias de aproximação do texto literário.

Nas muitas entrevistas que deu, principalmente naquelas cujo tema era o Brasil ou o Uruguai, Borges de modo recorrente recorda sua experiência de viagem com Enrique Amorim pelo norte uruguaio e o sul brasileiro. Em entrevista a Cesar Fernández Moreno diz:

Lembro que estive com Amorim perto da fronteira uruguaia com o Brasil. Fomos a umas carreiras e eu vi duzentos ou

trezentos homens endomingados para as carreiras. Então, eu, como portenho, disse ingenuamente a Amorim: "Puxa! que é isto?! Duzentos gaúchos!" Palavra que no campo também não teriam usado, teriam dito paisanos ou peões. E aí já se via o homem de letras, no pior sentido da palavra. E então Amorim me olhou com certa matreirice de homem do campo e me disse: "Mas ver duzentos peões aqui e assombrar-se é como se assombrar de ver em Buenos Aires duzentos empregados de Gath y Chaves (Borges ri sonoramente)" (MONEGAL, 1987, p. 170).

Vemos nesse trecho o espanto de Borges ao ver duzentos gaúchos. Essa quantidade é assombrosa a seus olhos portenhos que não podiam mais, em um país de imigrantes como se havia transformado a Argentina, ver a tal número de crioulos.

Para Borges, porém, a viagem não se restringiu aos paisanos vistos em pilchas domingueiras. O mundo dos homens do campo estava ali, frente a seus olhos cosmopolitas que viram a Suíça e a Espanha. Mais que isso, que tiveram essas nações por morada e que hoje, de volta à Buenos Aires, encontrava no Uruguai uma Argentina que desaparecera na poeira da história e no rastro de uma nação com vocação ao progresso e à modernidade – seguindo o corolário de Sarmiento – mas que estava ali nos mínimos detalhes como um pedaço do passado, tal qual descreve Borges no seguinte trecho:

Tudo o que então presenciei – as cercas de pedra, o gado de chifres longos, os arreios de prata dos cavalos, os gaúchos barbudos, os palanques, os avestruzes – tudo era tão primitivo e até bárbaro que mais estava para fazer uma viagem ao passado que uma viagem através do espaço (DI GIOVANNI apud SERRALTA, 2011, p. 36).

Esse passado remete mais do que ao passado histórico da Argentina. Remete também ao passado de sua infância, como sabemos um tempo mítico para os homens que o perscrutam:

De uma citação erudita, mas que não soa pedante numa conversa comum, ele passa a explicar por que inclui personagens do Rio Grande do Sul em vários de seus contos:

“Porque em Sant'Ana do Livramento, por exemplo, toco uma autenticidade gauchesca mantida mais pura do que na Argentina ou no Uruguai: é uma forma que tenho de voltar ao passado da minha infância (RIBEIRO, 2001, p. 490).

Sem ignorar a questão idealizante e mítica deste passado, voltamos à discussão de Facundo e da dicotomia civilização x barbárie. Borges, que não deixa nunca de demonstrar a sua filiação ao projeto de Sarmiento, numa espécie de visão que se cristaliza nos últimos versos de seu poema intitulado *Sarmiento*, publicado em “*El otro, el mismo*, 1964”:

Camina entre los hombres, que le pagan  
(Porque no ha muerto) su jornal de injurias  
O de veneraciones. Abstraído  
En su larga visión como en un mágico  
Cristal que a un tiempo encierra las tres caras  
Del tiempo que es después, antes, ahora,  
Sarmiento el soñador sigue soñándonos.  
(BORGES, 2010, p. 208)

E sua opinião está de acordo com a visão do eu-lírico acima que enxerga um Sarmiento que vive sonhando os argentinos, como se confirma no trecho de um ensaio para a *Revista Comentario*, cujo número era dedicado a Sarmiento: “*Es innegable que el más alto de los nombres de la historia argentina, y acaso de la historia de nuestra América, es el de Sarmiento*” (BORGES, 2007, p. 67). Porém, o polo da civilização era abandonado quando se tratava de fazer literatura, pois aí surgia uma tendência à marginalidade, como bem afirma Raul Antelo:

Na busca consequente da marginalidade, a essência gaúcha encontra-se no Rio Grande. Conversando com Borges em 1983, ele me confiou que é no Sul (do Brasil) que se conservam os usos gaúchos e se apoiava para tanto na opinião de seu tio Luis Maria, uruguaio, que pronunciava, alternativamente *gaucho* ou *gaúcho*. “*Los gaúchos son el origen del gaucho. Se dieron antes en el Brasil, pasaron al Uruguay y de ahí al Plata. Y la prueba de ello está en nuestro Hilario Ascasubi que dice indistintamente Gaucho o gaúcho*” (ANTELO, 2001, p. 418).

E em que lugar se encontra essa marginalidade senão na fronteira? Local de mesclas e contrabando, onde os limites políticos permitem a diluição dos limites linguísticos e históricos como a própria origem do tipo social gaúcho e da palavra que o denomina. Antelo enxerga em Borges a contradição entre Sarmiento e Hernández; ou seja, a contradição entre a civilização x a barbárie, como se infere no seguinte trecho: “Embora tente reescrever a história a partir de Sarmiento, o que retorna sempre é Hernández, exilado em Sant’Ana do Livramento”. (ANTELO, 2001, p. 418). E a barbárie não está no nível da literatura apenas, sua presença se corporifica na morte. Maria Esther Vázquez descreve muito bem o clima bárbaro e a ausência de “freios” morais do mundo em questão: “A vida própria e alheia valiam tão pouco que se matava por uma irritação casual e passageira; às vezes por menos” (VÁZQUEZ, 1996, p. 132). É neste mundo que Borges vê a morte de um homem por motivos banais, como quando recorda seu contato com o Brasil pela primeira vez:

Neste momento estou voltando a iniciar o descobrimento infinito, que é o descobrimento do Brasil. Eu o conheci, pela primeira vez, faz uns quarenta ou cinquenta anos, em Santana do Livramento, no Rio Grande do Sul, onde vi pela primeira vez – e espero que pela última – matarem a um homem, nessa violenta fronteira do Rio Grande do Sul, então terra de contrabandistas (CECHELERO-HOSLIASSON, 2001, p. 279).

Na descrição feita por Maria Esther Vázques se reproduzem alguns detalhes desta fala que se repetem nas lembranças de Borges e sua viagem à fronteira. Como bem frisa Serralta, dentre elas o motivo torpe da morte e a impunidade do assassino:

Assim ele e Amorim viram num café de Santa Anna (sic) matar a um homem. Em uma mesa estava sentado, bebendo, o capanga (guarda-costas) de um homem importante. Um infeliz bêbado, dizendo inconveniências dele se aproximou demasiado e o outro, sem sair do lugar, tirou o revólver e o matou com dois balaços. No dia seguinte, o assassino, intocável para a



justiça, estava novamente no café jogando cartas (SERRALTA, 2011, p. 32).

Todas as referências feitas à fronteira nas entrevistas se resumem à topografia, práticas sociais, vocabulário, experiências pessoais, usos e costumes do passado cristalizados no tempo. Contudo, não há referências aos homens políticos do lado brasileiro. Sim que há referências a Aparicio Saravia, caudilho uruguaio que encarna uma espécie de código gaúcho antigo. Se pensarmos cronologicamente, o ano de 1934 está a apenas onze anos da última guerra civil sul-rio-grandense: a Revolução de 1923, que teve práticas militares tão antiquadas como cargas de cavalarias, que já eram uma espécie de guerra romântica na revolução uruguaia de 1904, imagine em 1923 com o uso da metralhadora já consolidado. Não há referências a Gumercindo Saraiva, irmão de Aparicio, nem ao lendário João Francisco, decantado e difamado em ambos os lados da linha divisória. Tampouco a Getúlio Vargas, que como ditador teve, à mesma época de Perón, certa popularidade nas Américas e era fruto do ambiente da campanha, ou seja, da *Comarca Pampeana*, que já engendrara outros caudilhos. O desconhecimento sobre Getúlio Vargas fica claro em resposta dada ao repórter da revista *Veja*, sobre o fato de os gaúchos não terem sido caudilhos, mas sim os estancieros, como podemos ver:

*Veja*: Nosso ditador Getúlio Vargas era gaúcho...

Borges: Foi uma exceção, seguramente. No Uruguai e na Argentina que são praticamente o mesmo país separados por uma ficção de duas nacionalidades, Artigas, Ramires, López, Quiroga eram todos hacendados (estancieros), como também meus antepassados (RIBEIRO, 2001, p. 492).

Quanto à presença dessas experiências todas na ficção, podemos citar dois trabalhos que são fundamentais por mapearem essa presença e também por discutirem a fronteira uruguaio-brasileira na obra borgeana. O primeiro deles é o artigo de Daniel Balderston, *Gaúchos da fronteira: Uruguai e Rio Grande do Sul* na obra de Borges, publicado em *Histórias da Literatura: Teorias, temas e autores* no ano de 2003; e o outro texto se chama *A fronteira onde Borges encontra*

o *Brasil*, de Carmem Maria Serralta, publicado pela editora Movimento no ano de 2011, de alcance crítico e analítico de menor fôlego, porém não menos importante.

Desse passeio, pelo ambiente fronteiriço presente na obra dos escritores rio-platenses, podemos notar a presença da dicotomia civilização x barbárie de Domingo Faustino Sarmiento sob dois enfoques distintos. Ainda que miremos o texto de Sánchez como um relato de experiência ou uma crônica com muita elaboração ficcional aferrada a um folclore macabro, fruto de conturbadas revoluções não cicatrizadas, percebemos que os detalhes que são trazidos à superfície, ou seja, são postos em evidência, tentam, de algum modo, deixar claro os perigos à civilização do despotismo de um caudilho ligado a praticas bárbaras e fruto de um ambiente bárbaro que deve ser sanado sob o perigo da total destruição das instituições.

Já a visão de Borges é mais próxima de uma compreensão ampla de um mundo no qual barbárie e civilização existem simultaneamente e nenhuma parece ser perigo imediato para a outra. Ademais, há uma espécie de encontro com um mundo primitivo, pode-se dizer até bárbaro, porém sem o alarmismo apocalíptico de Florencio Sánchez (também não sabemos qual seria o resultado de um texto de Borges sobre João Francisco, caso o escritor conhecesse suas histórias). Além disso, a visão demonstrada nas entrevistas sobre a realidade da fronteira beira um caráter mítico. Há até uma espécie de revelação ou epifania, como no episódio da morte em Santana do Livramento de um homem por um capanga que se sentiu importunado, tudo isso à distância de alguns passos do escritor que relembra reiteradas vezes que isso o marcou profundamente, talvez sendo a lembrança mais forte de sua passagem por um mundo diferente do seu.

## REFERÊNCIAS

ANTELO, Raúl. Borges/Brasil. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

BALDERSTON, Daniel. *¿Fuera de Contexto?* Referencialidad histórica y expresión de la realidade em Borges. Rosario: Beatriz Viterbo Editora, 1996.

\_\_\_\_\_. Gaúchos da Fronteira: Uruguai e Rio Grande do Sul na obra de Borges. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *História da Literatura: Teorias, Temas e Autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

CAGGIANI, Ivo. *João Francisco: A Hiena do Cati*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.

CECHELERO, Vicente, HOSIASSON, Laura J. Borges em São Paulo. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

FLORES, Mariana Flores da Cunha Thompson. *Crimes de Fronteira*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Vega, 2009.

MONEGAL, Emir Rodríguez. *Borges por Borges*. Tradução: Ernani Só. Porto Alegre: L&PM, 1987.

RAMA, Ángel. *La novela en América Latina*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2008.

RIBEIRO, Leo Gilson. Sou premiado, existo. In: SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

RICCEUR, Paul. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Ed. 70, 2009.

ROCCA, Pablo. *Florencio Sánchez: textos, lenguaje, modernización*. Disponível em:

<[http://www.cervantesvirtual.com/portales/universidad\\_iberoamericana/obra-visor-din/florencio-sanchez-textos-lenguaje-modernizacion/html/ea716da8-affd-435e-8711-83c5f627b9e2\\_3.html](http://www.cervantesvirtual.com/portales/universidad_iberoamericana/obra-visor-din/florencio-sanchez-textos-lenguaje-modernizacion/html/ea716da8-affd-435e-8711-83c5f627b9e2_3.html)>.

Acesso em: 28-jun.2016.

SARMIENTO, Domingos Faustino. *Facundo*. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1983.

SANCHEZ, Florencio. *Teatro completo*. 3. edición. Argentina: Editorial Claridad, 1964.

SCHWARTZ, Jorge (Org.). *Borges no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

SERRALTA, Carmen Maria. *A fronteira onde Borges encontra o Brasil*. Porto Alegre: Movimento, 2011.

VÁZQUEZ, María Esther. *Jorge Luis Borges: esplendor e derrota*. Tradução: Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Record, 1999.

Recebido em: 14/07/2016

Aceito em: 22/07/2016